

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
RAÚL RUIZ – A IMAGEM ESTILHAÇADA (PARTE I)
9 e 14 de fevereiro de 2024

L'ÎLE AU TRÉSOR / TREASURE ISLAND / 1985

Um filme de Raúl Ruiz

Realização: Raúl Ruiz / **Argumento e Diálogos:** Raúl Ruiz, livremente inspirados na obra homónima de Robert Louis Stevenson (1883) / **Fotografia:** Acácio de Almeida / **Som:** Joaquim Pinto / **Montagem:** Rodolfo Wedeles, Valeria Sarmiento / **Música Original:** Jorge Arriagada / **Decoração:** Maria José Branco / **Guarda-roupa:** Isabel Branco / **Assistentes de Realização:** Philippe Grandrieux, Pierre Hodgson, José Maria Vaz da Silva / **Interpretação:** Melvil Poupaud (Jim Hawkins), Vic Tayback (Long John Silver), Martin Landau (Capitão), Anna Karinna (Mãe), Jean-Pierre Léaud, Sheila (Helen), Lou Castel (Pai/Médico), Jean-François Stévenin (Israel Hands), Yves Afonso (Capitão Francês), Pedro Armendáriz Jr (Mendonza), Tony Jessen (Ben Gunn), Jeffrey Kime, Michael Ferber

Produção: Les Films du Passage, Cannon International (Reino Unido, França, EUA, 1985) / **Produtor Executivo:** Paulo Branco / **Direção de Produção:** Paulo de Sousa / **Cópia:** DCP (versão digital restaurada em 2016 a partir do negativo original em 35 mm sob a supervisão de Valeria Sarmiento) proveniente de Tamasa, a cores, falada em inglês com narração *off* em francês, legendada eletronicamente em português, 117 minutos / **Estreia Mundial:** 27 de março de 1987, na Cinemateca Portuguesa.

A década de 1980 assinala importantes transformações na carreira de Raúl Ruiz. Após vários trabalhos para televisão, Ruiz volta ao cinema, dando início à longa e importante colaboração com Paulo Branco (Michael Goddard em *The Cinema of Raúl Ruiz, Impossible Cartographies*). Em Portugal, o realizador chileno parece encontrar o cenário perfeito para as suas próprias histórias de ilhas, piratas e marinheiros; assim, com o início dessa ligação ao país, inaugura-se um período de intensa exploração de temáticas relacionadas com o mar e os seus homens, e o universo da infância, das explorações, das viagens e das aventuras (*ibidem*): LES TROIS COURONNES DU MATELOT (1983), VILLE DES PIRATES (1983), LES DESTINS DE MANOEL (1983), POINT DE FUITE (1984) e, finalmente, L'ÎLE AU TRÉSOR (1985).

Em todas estas *explorações*, Raúl Ruiz vai-se aproximando progressivamente da principal inspiração de todas as histórias de piratas e tesouros misteriosos, o clássico da literatura infantojuvenil escrito Robert Louis Stevenson, publicado em 1883. *Treasure Island (A Ilha do Tesouro)* revela o *espírito* do seu tempo: o fascínio pelo exótico, e a crença de que em territórios longínquos e desconhecidos se encontrariam grandes fontes de riqueza; uma evidente romanização do colonialismo e do impulso colonial que nestes anos se afirmava.

Mas a história do jovem Jim Hawkins e da sua Ilha do Tesouro oferece àqueles que entram em contacto com ela algo de único, que permitiu que este *conto* se tornasse uma espécie de mito e alcançasse um sucesso inigualável, ultrapassando barreiras geracionais e geográficas, e inspirando jovens aspirantes a marinheiros e piratas de todo o mundo. Será, porventura, o mistério, a viagem e a aventura a atrair o jovem público, a possibilidade de viver grandes feitos e de viajar até lugares distantes através da narrativa, revendo-se no pequeno Jim, recrutado como membro da tripulação de um navio que parte à aventura. É dessa fascinante liberdade que o pequeno Antonio Morales fala ao marinheiro de LES TROIS COURONNES DU MATELOT, quando diz que pode viajar até onde quiser através dos livros de Stevenson. Morales tentará viver as aventuras que até então tinha experienciado através dos protagonistas dos seus contos preferidos. Mas, no mundo dos piratas e dos marinheiros, não se muda o destino, e Antonio Morales ficará em *terraferma*. Esse sonho infantil de viagens e aventuras marítimas que Ruiz transporta - de maneira mais ou menos subtil - ao longo dos filmes seguintes, acabará por se concretizar apenas em L'ÎLE AU TRÉSOR, quando o protagonista, interpretado pelo jovem Melvil Poupaud, assume o papel do verdadeiro Jim Hawkins.

A concretização das aspirações do pequeno Morales pelo personagem de Poupaud só será possível – de forma, como veremos, não completamente voluntária – com o desenvolvimento de novas formas de *narrar* histórias, que na sua extraordinária capacidade de representação e encenação do real, estimulam a imaginação e a imersão num mundo virtual. É nesse sentido que L'ÎLE AU TRÉSOR se inscreve naquilo que Michael Goddard, em *The Cinema of Raúl Ruiz, Impossible Cartographies*, descreve como um “mapeamento de percepções, imagens e espaços emergentes (...) uma cartografia do virtual”. O progressivo desenvolvimento dos mecanismos de *storytelling* e a sua capacidade de construir universos verosímeis tornam cada vez mais difícil distinguir as fronteiras entre a realidade e a ficção; essa pequena mão do protagonista que toca o ecrã da televisão como se tentasse *alcançar* os limites entre o real e o imaginado que então sente

Nos primeiros minutos de L'ÎLE AU TRÉSOR, capta-nos o olhar maravilhado e absorto de Jim perante aquilo que pensa ser um filme que passa na televisão; saberemos mais tarde que se trata da sua série preferida, cuja história parece ser uma readaptação contemporânea do enredo de *Treasure Island*. Os piratas exploradores que navegam o oceano em busca de uma ilha com um valioso tesouro escondido, dão lugar a um grupo de mercenários, que parte para um país africano em grande agitação social, em busca de diamantes. Uma representação clara das novas dinâmicas coloniais, que se torna ainda mais evidente no derradeiro discurso do capitão, que impele Jim a ler os vários livros que tem na cabeceira (de entre eles, *Treasure Island*), pois deles dependerá o futuro da civilização

Após um corte da corrente, o rapaz traça na sua mente a continuação da história que viu no ecrã, associando-a à chegada de um hóspede na manhã seguinte. Esse *primeiro tempo* do filme caracteriza-se por uma atmosfera onírica, que sugere um constante estado de hipnagogia, em que se torna difícil distinguir o real do imaginado. Para tal, serão úteis os mecanismos e as retóricas visuais do surrealismo, que Ruiz frequentemente reelabora nas suas obras (Michael Goddard em *The Cinema of Raúl Ruiz, Impossible Cartographies*). Os diálogos recheados de ironia, sarcasmo e humor absurdo, que contribuem para o sentimento de inquietude e terror; os elementos altamente simbólicos

– o olho, o gato preto e os diamantes, que são combinados numa espécie de *assemblage*; o pátio da pensão que, abandonado à luz crepuscular, nos transporta para a pintura metafísica de De Chirico. O trabalho de Fotografia (os filtros de cores, o desfoque) contribui extraordinariamente para a construção desse universo onírico, repleto de cenários irreais, e encontros alucinados. O sonho-alucinação de Jim torna-se, gradualmente, mais paranoico e inquietante, turvado pelos jogos dos adultos que parecem querer manipular as suas recordações.

Um tema recorrente nessa longa alucinação é a morte (a morte do progenitor masculino, com todos os significados *freudianos* que lhe possam ser atribuídos), o que nos remete imediatamente para uma outra obra de Ruiz: EL TANGO DEL VIUDO Y SU ESPEJO DEFORMANTE. Nesta longa-metragem, filmada por Ruiz nos anos 60, e terminada em 2020 por Valeria Sarmiento, um homem viúvo vive atormentado pelo fantasma da sua mulher falecida, que o visita, especialmente à noite, em alucinações e sonhos aterrorizadores. E se em EL TANGO DEL VIUDO o espelho é “deformador”, deformando as palavras, que se tornam incompreensíveis, em L’ÎLE AU TRÉSOR a cena em que o capitão se olha ao espelho parece ser o momento em que o sonho se estilhaça, e o narrador toma consciência daquilo que o espectador já antevia.

No *segundo tempo* que então se inaugura, Jim parte à aventura com estes estranhos personagens, seguindo o rumo da história de Stevenson. O jovem rapidamente descobrirá que tudo se trata de uma *encenação*, e que cada indivíduo parece assumir um papel que corresponde a um personagem do livro, numa espécie de *role-playing game* em *live-action*. Se falamos de *narração* de imersão na narrativa, este será, pelo menos naqueles anos, o grau máximo de tal possibilidade.

Em L’ÎLE AU TRÉSOR, Raúl Ruiz apropria-se da obra de Robert Louis Stevenson com ímpeto de pirata (Goddard), procurando-lhe as intemporais riquezas e desconstruindo-a, de modo a criar um enredo complexo – recheado de mistérios, distorções e teorias da conspiração. As várias camadas narrativas cruzam-se, desafiam-se, e revelam o poder das histórias de nos fazer viver realidades alternativas e de questionar a nossa percepção do real.

Sara Oliveira Duarte